

## Construção e história na clínica freudiana e na filosofia de Walter Benjamin

Construction and history at the Freud's clinic and at Walter Benjamin's philosophy

---

Ricardo Salztrager<sup>1</sup>  
UFF

**Resumo:** A proposta do artigo é estabelecer um diálogo entre os pensamentos de Benjamin e Freud tendo como base as concepções dos dois autores sobre a história. Em um primeiro momento, nos voltamos para os escritos de Benjamin com o intuito de situar como o autor critica a concepção linear dos processos históricos. Em seguida, veremos que este mesmo ponto de vista é defendido por Freud quando ele circunscreve o artifício da construção em análise. Por fim, analisamos como, a partir de uma valorização da lógica do *Nachträglich*, os dois autores problematizam as dimensões da gênese, do mito e da verdade.

**Palavras-chave:** história, construção, *Nachträglich*, mito, verdade, clínica psicanalítica.

**Abstract:** The objective of this article is to establish a dialogue between Benjamin's and Freud's thoughts, based on their ideas about the history. At first, we turn to the Benjamin's writings with the objective to analyze how the author problematizes the linear conception of the historical processes. Then we will see this same point of view at the Freud's thoughts when he conceptualizes the artifice of the construction. Finally, we discuss how, from an appreciation of the logic of *Nachträglich*, the two authors problematize the dimensions of the genesis, of the myth and of the truth.

**Keywords:** history, construction, *Nachträglich*, myth, truth, psychoanalytic clinic.

“A origem do drama barroco alemão” (BENJAMIN, 1928/1984), “Sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1940/1987) e “Construções em análise” (FREUD, 1937a/1995) são textos relativamente contemporâneos e que trazem consigo uma série de concepções semelhantes sobre o modo de se fazer e constituir a história. Claro está que o primeiro trata da questão tendo como pano de fundo um estudo de manifestações artísticas. O segundo o faz mediante a análise política da história de um grupo ou nação. Já o terceiro se situa dentro do contexto da clínica psicanalítica. No entanto, mesmo com estas diferenças contextuais, os três escritos destacam abordagens, em muitos pontos convergentes, sobre temas de suma importância. Isto nos permite estabelecer um diálogo entre os pensamentos de Freud e Benjamin.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense. Pós doutorando em Memória Social pela UNIRIO. Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Lattes de [Ricardo Salztrager](#). E-mail: [ricosalz@uol.com.br](mailto:ricosalz@uol.com.br);

Dentre estes temas convergentes, destacamos uma problematização da ideia de gênese, tida enquanto um momento zero da história a partir do qual se desenrolariam uma série de acontecimentos sempre a ela remetidos. Contrários a esta ideia, os dois pensadores se empenham em ressaltar o dinamismo eminentemente mítico da construção das tendências originárias a partir do tempo presente. Por conseguinte, vislumbramos nestes escritos um instigante dismantelamento de uma concepção linear da história que se encarregaria de explicar o presente com base em uma mera acumulação de dados ou fatos passados. Com efeito, alheios a uma concepção progressista ou desenvolvimentista, nestes escritos, Benjamin e Freud valorizam a lógica do *a posteriori* (*Nachträglich*), enquanto construtora do passado. Vemos também uma forte crítica ao conceito de verdade tal como preconizado pela filosofia clássica, sempre colocado em referência à adequação de um pensamento à realidade. Segundo os dois autores, a verdade seria sempre fruto de uma produção, vinculando-se à ordem do sentido que ela adquire para um grupo ou nação (no caso de Benjamin) ou para um sujeito (no caso de Freud). Ela, portanto, não se situa como algo oposto ao engano, ao erro ou mesmo à falsidade de determinado pensamento.

Assim, devido a todas estas convergências, a proposta deste artigo é estabelecer uma interlocução entre estes três textos de Benjamin e Freud. Em um primeiro momento, nos voltaremos para os dois escritos de Benjamin com o intuito de situar como os conceitos de história e de origem são por ele trabalhados. Em seguida, nossa argumentação será dirigida para a clínica psicanalítica, visando demonstrar como em “Construções em análise”, o pensamento freudiano vem problematizar a concepção linear da história de vida subjetiva. Por fim, confrontaremos a obra destes dois autores com o intuito de demonstrar as semelhanças de suas argumentações no que diz respeito à construção de uma história.

### **O conceito de história em Walter Benjamin**

Em suas teses “Sobre o conceito de história”, Benjamin escreve que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’, significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1940/1987, p. 224). Com efeito, esta citação condensa as principais concepções do autor sobre o que é fazer história. Por isto, ela em muito nos interessa na medida em que traz consigo uma problematização da maneira tradicional de se estudar a história tal como preconizada pelo discurso científico e objetivizante. Para melhor compreendermos estas ideias, proponho dividir a citação em duas partes que serão analisadas separadamente.

De acordo com a primeira parte da passagem, vemos que, para o autor, fazer história não significa recuperar ou descrever exaustivamente – e na íntegra – o passado de um grupo ou nação. Pelo contrário, o passado não se constitui como algo a ser descoberto e relatado, mas como algo a ser articulado a partir do tempo presente. Com isto, Benjamin se posiciona contra toda a tradição que se encarrega de estabelecer uma infinidade de ligações causais entre alguns fatos históricos, encadeando-os segundo uma

lógica eminentemente progressiva que, assim, explicaria ou justificaria um estado atual de coisas. Para ele, um acontecimento passado, por si só, não deve ser encarado enquanto um fato histórico. Este só adquire tal estatuto postumamente, a partir de uma formação discursiva que o constitui enquanto tal. Um discurso que parte do presente e que o nomeia enquanto fato histórico, distinguindo-os dos demais e acentuando sua importância.

Agindo desta maneira, o historiador pode se recusar a “desfiar entre os dedos os acontecimentos como as contas de um rosário” (BENJAMIN, 1940/1987, p. 232). Trata-se, antes, de vislumbrar determinada articulação na qual sua época se liga a um acontecimento anterior; postura esta que culmina na fundação, constituição e escrita de uma história. Com isto, a história não é configurada enquanto um procedimento meramente aditivo. Em outros termos, fazer história, para Benjamin, não é acumular fatos ou narrativas na forma de um *continuum*. Fazer história é, pelo contrário, um trabalho eminentemente construtivo do passado que se opera enquanto uma verdadeira revolução, “um salto de tigre em direção ao passado” (BENJAMIN, 1940/1987, p. 230), que acaba por implodir o *continuum* dos acontecimentos.

Deste modo, o conceito de história se reporta a outra ideia de temporalidade que não a da causalidade linear. Ela se faz através de um conjunto de saltos e recortes para fora da linha do tempo cronológico, saltos estes que culminam na apropriação de algumas reminiscências. Com isto, passamos à segunda parte da citação: fazer história é “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1940/1987, p. 224). Trata-se, com isto, de conceber o ato de fazer história como uma atitude basicamente contemplativa de retorno cada vez mais intenso e abrangente a alguns fenômenos (GAGNEBIN, 1999).

Nesta perspectiva, cada fenômeno deve ser vislumbrado pelo historiador em sua autenticidade e excentricidade. Assim, Benjamin (1940/1987) retoma o conceito de *mônada* presente no pensamento de Leibniz, para caracterizar determinado fenômeno do passado como dotado de uma série de forças que podem se atualizar em um conjunto relativamente aberto de possíveis. Nesta acepção, os fenômenos em questão não se apresentam enquanto contaminados pela história dos homens. De fato, sua teorização se recusa em conceber o tempo e a história como externos aos fenômenos e que a eles viriam se acrescentar. A historicidade e a temporalidade estariam nos próprios fenômenos, contidas enquanto virtualidades, “como sementes preciosas, mas insípidas” (BENJAMIN, 1940/1987, p. 231). Trata-se, aqui, de uma concepção de tempo em termos de intensidade e não de cronologia; uma relação intensiva do tempo no objeto, e não do objeto no tempo (GAGNEBIN, 1999).

Ao operar desta forma, a proposta benjaminiana traz implícita uma problematização da ideia de origem. Tal como demonstrado no prefácio de “Origem do drama barroco alemão” (BENJAMIN, 1928/1984), a origem nada tem a ver com a noção de gênese. Enquanto a gênese remeteria ao início e ao porvir de algo em uma acepção propriamente progressista, a ideia de origem é uma categoria fundamentalmente histórica. Em outros termos, apesar de a origem remeter ao passado – e, mesmo se reconhecendo que a ele possamos ter acesso pela prática rememorativa –,

Benjamin declara que nunca conseguiremos retornar ao dado bruto do passado, já que ele se encontra para sempre perdido.

Assim, enquanto categoria histórica, ao mesmo tempo em que a ideia de origem se reporta aos processos de restauração e reprodução, ela também denuncia a incompletude e o inacabamento destes trabalhos. Com efeito, não existe espaço em sua filosofia para um retorno ao passado tal como ele fora realmente vivenciado. Neste sentido, fazer história é constituir um desejo de restauração e, ao mesmo tempo, reconhecer sua fragilidade e impossibilidade (GAGNEBIN, 1999).

Nesta perspectiva, Benjamin escreve que a origem “não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós história” (BENJAMIN, 1928/1984, p. 68). Com isto, fica delimitado que os fenômenos históricos só adquirem seus sentidos *a posteriori*, quando formam uma espécie de traçado com outros fenômenos. Daí a afirmativa crucial de que um suposto evento originário “se localiza no fluxo do vir a ser como um torvelinho” (BENJAMIN, 1928/1984, p. 68), ou seja, um redemoinho que captura uma série de acontecimentos, misturando-os e fazendo emergir uma nova configuração.

Neste contexto, se situa o exemplo relativamente irônico da significação que a Roma Antiga adquire a partir da Revolução Francesa. De fato, Robespierre não se cansou de mencionar a Roma Antiga com o intuito revolucionário de apropriar-se de um passado republicano na história da humanidade. Esta atitude serve como ilustração para o salto de tigre acima mencionado, para mais além da linearidade cronológica ou progressista entre estes dois eventos tão distantes no tempo. Em virtude desta apropriação, passa a se desenhar um traçado entre a Roma Antiga e a Revolução Francesa e, com isto, ambos os eventos passam a adquirir um novo sentido. Ou seja, com este traçado, não apenas o passado é transformado, mas também o próprio presente (BENJAMIN, 1940/1987).

Com base nestes pressupostos, verificamos que as teorizações de Benjamin sobre o conceito de história trazem consigo uma maneira bastante peculiar de encarar as articulações que o tempo presente mantém com o passado. Trata-se, aqui, de uma concepção em muito semelhante à de Freud (1937a/1995) quando escreve o famoso ensaio “Construções em análise”. Nele, vemos que, no contexto da clínica psicanalítica, o passado do sujeito também não é encarado como algo a ser totalmente recuperado pelo procedimento analítico. Pelo contrário, tal como Benjamin, Freud também reconhece a impossibilidade deste empreendimento e, assim, o passado passa a se apresentar como o que é articulado a partir do presente. Desta articulação, emerge a construção de uma história de vida. Passemos ao exame desta questão.

### **A construção na clínica psicanalítica**

Em um primeiro momento de sua clínica, quando se dá o abandono das práticas de hipnose, Freud lança como objetivo do tratamento a condução do material recalcado à consciência do paciente mediante a superação das resistências. Tais pressupostos são destacados no artigo “O método psicanalítico de Freud” (FREUD, 1905/1995). Nele, a associação livre é instituída enquanto regra fundamental da clínica na medida em que

possibilita o avanço por entre os meandros da trama discursiva do sujeito. Tudo isto em vistas de exprimir o material inconsciente responsável pela formação dos sintomas. Neste mesmo contexto, o artifício da interpretação permitiria ao analista, partindo do discurso manifesto do sujeito, chegar ao texto latente que o fundamenta. A conhecida passagem abaixo explicita de modo contundente os principais objetivos da clínica psicanalítica em voga nestes anos do pensamento freudiano:

Quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres dos pacientes, o que ele deveria recordar. A resistência deveria ser contornada pelo trabalho de interpretação e por dar a conhecer os resultados deste ao paciente. As situações que haviam ocasionado a formação do sintoma e as outras anteriores ao momento em que a doença irrompeu conservaram seu lugar como foco de interesse. (...) A técnica sistemática hoje utilizada (...) contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente. (...) O objetivo destas técnicas diferentes, naturalmente permaneceu sendo o mesmo. Descritivamente falando, trata-se de preencher as lacunas da memória; dinamicamente, é superar resistências devidas ao recalque (FREUD, 1914/1995 p. 163).

Depreendemos daí que, neste momento, a clínica freudiana lidava com o sujeito interpretável e evanescente na medida em que comparece nas formações do inconsciente. Assim, vemos em Freud um modo de conceber a história análogo àquele que Benjamin tanto criticara. Ou seja, em sua postura clínica, vemos certa predominância da tendência a desvelar o máximo possível do passado de seus analisandos, por mais que ele já tivesse circunscrito, logo de início, a existência de um *locus* não interpretável nos sonhos (FREUD, 1900/1995). Tratava-se, nesta época, de descobrir traumas infantis, desejos incestuosos e tudo o mais que pudesse justificar a neurose.

No entanto, conforme ia se insinuando a impossibilidade de levar adiante este objetivo, Freud vai sendo conduzido a focalizar a importância das tendências pulsionais do aparelho psíquico. Trata-se de um deslocamento metapsicológico que reflete os mais diversos impasses sofridos pela clínica. Deste modo, as investigações sobre a compulsão à repetição (FREUD, 1914/1995), em conjunto com o destaque concedido ao fenômeno do “estranho” (FREUD, 1919a/1995), além da reformulação das relações entre fantasia e sintoma (FREUD, 1919b/1995) o conduzem para uma reestruturação de seu pensamento, que culmina na publicação do ensaio “Além do princípio de prazer” (FREUD, 1920/1995).

Assim, com o conceito de pulsão de morte será radicalizada a impossibilidade de levar adiante a proposta de vencer as resistências para trazer à consciência a totalidade do material recalçado. Evidencia-se também, em determinadas situações, o fracasso da interpretação diante da insistência do pulsional. Se antes a ênfase na dificuldade da condução do material recalçado à consciência recaía sobre as resistências do paciente, a partir de agora, esta impossibilidade passa a se referir a algo que permanece alheio ao domínio da fala. De acordo com a passagem abaixo:

A insistência pulsional obriga Freud a admitir algo que não pode ser recordado – porque nem mesmo pode ser representado – mas que, no entanto, desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito e de seus sintomas. (...) Freud nos fala de algo que não pode ser lembrado e nem esquecido, na medida em que permanece irrepresentável: não se trata de um saber que não se sabe, mas de algo que é impossível de saber. Nem tudo poderá se transformar em produção discursiva. (...) Em termos clínicos, isso significa dizer que o propósito freudiano do tratamento analítico passa a ser o de inscrever a pulsão, isto é, transformar uma energia indiferenciada em representação, fornecendo uma dimensão discursiva àquilo que é da ordem da compulsão à repetição (GONDAR, 1999, p. 31-32).

Deste modo, a dimensão intensiva da metapsicologia freudiana vai remeter a um excesso pulsional que pressiona o aparelho psíquico de forma permanente, exigindo-lhe um árduo trabalho de sujeição do que é da ordem da pura dispersão. Pressupondo que a excitação pulsional jamais é totalmente vinculada, haveria sempre um resto que se esquia à fala, evidenciando-se como resíduo do processo de simbolização. Com isto, impõe-se um limite crucial ao processo de significantização, denunciando os limites da interpretação na clínica psicanalítica.

Neste contexto, o recurso à construção passa a ser empregado quando a interpretação se torna vacilante. Apesar de ter sido utilizado pela primeira vez no caso do Homem dos lobos (FREUD, 1918/1995), é somente em “Construções em análise” que Freud (1937a/1995) vai se voltar para uma maior abordagem deste artifício. Em linhas gerais, a construção é definida como a ferramenta analítica que visa o preenchimento das diversas lacunas deixadas pelo processo interpretativo. Nesta perspectiva, a entrada em cena da construção vem evidenciar o impedimento do acesso à totalidade do material recalcado mediante o mecanismo de rememoração.

Com efeito, Freud (1937a/1995) destaca que os fragmentos mnêmicos dos quais o sujeito não consegue se lembrar, frequentemente, aparecem de maneira disfarçada em seus sonhos, em atos dentro ou fora do *setting* analítico ou na própria relação transferencial. Assim, a partir destes fragmentos, o analista – em conjunto com o paciente – pode extrair o material que está à procura, reunindo-os em uma trama narrativa e efetivando a construção. De acordo com a passagem abaixo, o paciente

fornece-nos fragmentos dessas lembranças em seus sonhos, valiosíssimos em si mesmos, mas via de regra seriamente deformados por todos os fatores relacionados às formações dos sonhos. Se ele se entrega à “associação livre”, produz ainda ideias em que podemos descobrir alusões às experiências recalçadas e derivados dos impulsos afetivos recalcados, bem como das reações contra eles. Finalmente, há sugestões de repetições dos afetos pertencentes ao material recalcado que podem ser encontradas em ações desempenhadas pelo paciente, algumas bastante importantes, outras, triviais, tanto dentro quanto fora da situação analítica. Nossa experiência demonstrou que a relação de transferência, que se estabelece com o analista, é especificamente calculada para favorecer o retorno dessas conexões emocionais. É dessa matéria prima – se assim podemos descrevê-la – que temos de reunir aquilo que estamos à procura (FREUD, 1937a/1995, p. 276).

Com base nestas assertivas, depreendemos que o recurso à construção merece ser designado como o artifício que permite a assimilação e encadeamento de alguns fragmentos em uma trama discursiva relativamente coerente. Mediante a integração destes resíduos do passado em uma cadeia narrativa, é possível ao sujeito reelaborar sua história de vida, contando-a agora por um novo viés.

Cabe destacar que, na construção, não se trataria de contemplar o passado do analisando tal como fora por ele realmente vivenciado. Com efeito, pouco importa se a história construída corresponde ao passado propriamente dito. Pelo contrário, a construção é vista como o processo de atribuição de sentido a algo que anteriormente não o tinha. Assim sendo, ela é avaliada não por sua correspondência à realidade, mas por sua eficácia em promover o advento de um novo sentido, aonde anteriormente só se conseguia vislumbrar a estagnação do conflito psíquico e a infundável repetição dos mesmos clichês.

Nesta medida, mediante a entrada em cena da construção, o analista deixa de assumir a posição de desfiador de acontecimentos passados como se estivesse diante de um rosário – postura esta exemplificada e fortemente criticada por Benjamin. Trata-se, agora, de construir este passado a partir da relação transferencial. E com o conjunto destas narrativas construídas sobre si, o sujeito em análise encontra os alicerces necessários para um processo de reinvenção, abrindo-se para um futuro, a partir de uma história construída no tempo presente.

### **Nachträglich, mito e verdade**

A partir desta discussão, vemos nos pensamentos de Benjamin e de Freud uma maneira bastante interessante de se conceber a história. Sendo o passado, para eles, vislumbrado como algo construído a partir do presente, ambos os autores valorizam a lógica do *a posteriori* (*Nachträglich*) na produção de uma história.

Segundo suas teorizações, a história não deve ser lida em conformidade a uma lógica meramente progressiva ou desenvolvimentista. Com efeito, não existe espaço nos textos acima analisados para a circunscrição de uma história nos termos de um *continuum* sucessivo de fatos, linearmente determinados e que, assim, confluem para uma explicação do presente. Pelo contrário, os saltos de tigre para além da cronologia por Benjamin mencionados ou o artifício da construção por Freud formulado convergem para um relativo desprezo desta postura. Importa mais o modo como a história é constantemente reorganizada, o que incessantemente reordenaria o passado de acordo com novas configurações. Essas novas e sucessivas configurações recriariam a história, fornecendo-lhe um novo sentido e, ao mesmo tempo, modificariam o próprio presente.

Deste modo, a história passa a ser valorizada em sua fluidez a partir dos incessantes volteios que a fazem ser narrada ou escrita de maneira diferente da que era anteriormente. Neste dinamismo, não apenas entram em cena o passado e o presente, mas também o próprio futuro passa a ser concebido em sua dimensão de abertura (GONDAR, 1995). Ou seja, toda a maleabilidade subjacente a este modo de fazer

história culmina na concepção do tempo futuro como algo imprevisível e jamais determinado. Assim, mesmo que tudo no presente pareça confluír para certa configuração futura, um novo salto de tigre ou uma nova construção pode modificar toda a narrativa histórica segundo um novo rearranjo.

Neste contexto, o dinamismo da lógica do *Nachträglich* traz à tona a dimensão eminentemente mítica que a história adquire nos pensamentos de Freud e Benjamin. Conforme o exposto acima, de acordo com Benjamin, a origem é tida como uma categoria fundamentalmente histórica. Em outros termos, ela não é encarada como uma espécie de marco zero a partir do qual tudo se desenvolve. Pelo contrário, a origem é contemplada enquanto um processo que opera um recorte do passado para a ele fornecer um novo sentido a partir de um traçado com o tempo presente. Com efeito, o mesmo dinamismo é vislumbrado no pensamento freudiano. A circunscrição do polo pulsional do aparelho psíquico termina por condenar ao fracasso quaisquer tentativas de se encontrar um marco zero na história. Com isto, restaria ao sujeito a tarefa de construir seu passado com o intuito de fornecer algum sentido a algo que não o possui.

Assim, vemos que é justamente este o movimento próprio à lógica do mito: o voltar-se ao princípio enigmático com o intuito de fornecer-lhe alguma explicação. Neste aspecto, é surpreendente perceber o tratamento que os dois autores fornecem ao trabalho do mito, circunscrevendo-o como sendo, de saída, fracassado.

Conforme mencionamos, no caso de Benjamin, ao mesmo tempo em que é ressaltada a importância do trabalho de retorno ao passado, também se reconhece sua impossibilidade. Estando o passado para sempre destruído, quaisquer tentativas de a ele se voltar para explicá-lo fica condenada ao fracasso. De todo este procedimento restará sempre uma lacuna manifesta pela falta de correspondência entre o que foi vivido e o que é relatado na produção de uma história.

Esta mesma impossibilidade é destacada no pensamento freudiano. Estando o dinamismo psíquico sempre remetido a um polo pulsional, fica delimitado o malogro das tentativas de se empreender uma síntese da história de vida subjetiva. Nesta medida, nenhuma construção satisfaz totalmente o intuito de fornecer sentido ao passado, sendo este um dos motivos que levaram Freud (1937b/1995) a conceber a análise como um processo interminável. Com efeito, o polo pulsional, funcionando como força constante para a movimentação do aparelho psíquico demandará sempre a construção de uma nova história, em um processo intermitente. Neste ponto, a própria noção de perlaboração, anteriormente circunscrita em “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914/1995), deve devidamente redimensionada, passando a ser vislumbrada enquanto um trabalho, de saída, inacabado. Por isto, a necessidade de sempre lançar-se mão dela com o intuito de sujeitar algo que é da ordem da dispersão, sem que haja quaisquer esperanças de um sucesso absoluto deste procedimento.

Por fim, devemos destacar a problematização que os pensamentos de Freud e Benjamin colocam para o conceito de verdade que, tal como concebido pela filosofia clássica, se reporta à adequação de um pensamento à realidade. Quanto a este aspecto, mais uma vez, os dois autores concordam que uma história ou narrativa jamais pode reproduzir a realidade material ou que um conhecimento possa ascender à verdade de



seu objeto. Nesta reviravolta que eles efetuam no pensamento tradicional, suas argumentações confluem para encarar a verdade como sendo da ordem da produção.

Segundo Gagnebin (2009), no pensamento de Benjamin, o conceito de verdade merece ser encarado como envolvimento pela ética de uma ação presente que ao passado se dirige. Não se trataria, conforme assinalamos, de estabelecer a verdade do passado e, assim, construir uma história verdadeira. Pelo contrário, no contexto eminentemente político de “Sobre o conceito de história”, Benjamin (1940/1987) critica os que assim operam e se vangloriam por descobrir a verdade do passado. Segundo o seu ponto de vista, toda pretensão de construir um passado verdadeiro sempre se faz com o intuito de obedecer aos interesses de uma classe dominante.

No caso do pensamento freudiano, a crítica à concepção tradicional de verdade se coloca de saída quando, com o abandono da teoria da sedução sexual (FREUD, 1897/1995), se dá a postulação do conceito de realidade psíquica (FREUD, 1900/1995). Com ele, valoriza-se a verdade do desejo e a eficácia da fantasia enquanto produtoras de uma realidade singular que não encontra correspondência na realidade propriamente dita. Conforme a demonstração do artigo “Lembranças encobridoras” (FREUD, 1899/1995), por exemplo, a história de vida é sempre construída retrospectivamente (*Nachträglich*) a partir de um desejo manifesto no tempo presente.

Em “Construções em análise”, Freud (1937a/1995) mantém a ideia de que a verdade é sempre produzida na clínica. Este processo de produção de verdades é ilustrado de maneira exemplar quando a construção é caracterizada como um trabalho eminentemente criativo e que passa à margem dos critérios de verdade ou falsificação. Neste sentido, não se trata, com a construção, de se fazer referência a uma verdade absoluta e nem se aguarda, a partir dela, o consentimento servil do analisando – como se o processo analítico fosse um jogo de cara ou coroa: dando cara, o analista ganha e, dando coroa, o paciente perde.

Ademais, o destaque concedido à dimensão pulsional vem a impedir quaisquer tentativas de se produzir uma verdade duradoura. Trata-se, na construção, de um processo interminável de produção de novas verdades. Com efeito, a verdade anteriormente construída passa a não mais sê-la a partir de uma nova construção, e assim sucessivamente, conforme as construções vão se empreendendo.

Quanto a este aspecto, Freud demonstra que a eficiência de uma construção se mostra quando o sujeito a ela responde, por exemplo, com uma surpresa, com uma associação vinculada ao material construído, com um sonho ou com uma ausência na sessão seguinte. Nesta perspectiva, é de suma importância salientar que todos estes efeitos apontam para uma abertura, para algo que se manifesta a partir da construção, sem jamais se fechar na verdade que foi construída. Daí o caráter sempre inacabado que a verdade assume no pensamento freudiano: ela jamais se esgota em si mesma, apontando para um processo de permanente devir e de abertura para o que virá a partir de uma construção.

Trata-se, portanto, de importantes pontos de discussão e que, assim, justificam a abertura de um diálogo entre as obras de Freud e Benjamin. Como vimos, eles operam na desconstrução de uma série de modelos já bem enraizados e instituídos da história do pensamento ocidental, trazendo uma série de inquietações e problematizações para os

que se debruçam sobre seus escritos. Deste modo, são inúmeras as consequências que podemos retirar de suas obras, o que delimita e circunscreve um campo bastante fecundo de pesquisa.

Submissão: jun/2012

Aceite: out/2012

### **Bibliografia**

Benjamin, W. (1984). *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1928).

Benjamin, W. (1987). Sobre o conceito de história. In *Obras escolhidas vol. 1*. (pp. 222-233). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1940).

Freud, S. (1995). Carta 69. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 1*. (pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).

Freud, S. (1995). Lembranças encobridoras. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 3*. (pp. 333-355). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1899).

Freud, S. (1995). A interpretação de sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vols. 4 e 5*. (pp. 1-669). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

Freud, S. (1995). O método psicanalítico de Freud. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 7*. (pp. 257-265). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1995). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 12*. (pp. 193-207). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1995). História de uma neurose infantil. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 17*. (pp. 19-151). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1918).

Freud, S. (1995). O “estranho”. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 17*. (pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919a).

Freud, S. (1995). “Uma criança é espancada”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 17*. (pp. 225-258). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919b).

Freud, S. (1995). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 18.* (pp. 17-89). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1995). Construções em análise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 23.* (pp. 291-308). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937a).

Freud, S. (1995). Análise terminável e interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. 23.* (pp. 247-289). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937b).

Gagnebin, J. M. (1999). *História e narração em Walter Benjamin.* São Paulo: Perspectiva.

Gagnebin, J. M. (2009). *Lembrar escrever esquecer.* Rio de Janeiro: Editora 34.

Gondar, J. (1995). *Os tempos de Freud.* Rio de Janeiro: Revinter.

Gondar, J. (1999). A noção de verdade em Freud. *Cadernos de psicologia*, 10, 23-33.